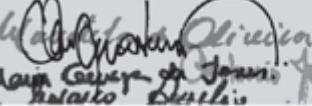


OS ALUNOS DE PÓS-GRADUAÇÃO DA UFG

AUTO-AVALIAÇÃO DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO DA FACULDADE DE EDUCAÇÃO-FE 2007

A série CADERNOS DO PGE, cujo objetivo é o de contribuir para uma melhor compreensão da vida institucional da Universidade Federal de Goiás, constitui-se em um espaço público para socialização, debate e reflexão das questões que envolvem o processo de planejamento, avaliação e informação.



Copyright © 2008 by Universidade Federal de Goiás

Distribuição:

Pró-Reitoria de Desenvolvimento Institucional e Recursos Humanos

Campus Samambaia - Prédio da Reitoria

Caixa Postal 131 - CEP 74001 - 970

Goiânia - Goiás - Brasil

Fone 55 0xx 62 3521 1322 - Fax: 55 0xx 62 3251 1161

Email: prodirh@prodirh.ufg.br

Home Page: <http://www.prodirh.ufg.br>

Diagramação e projeto gráfico: Equipe Gráfica UFG

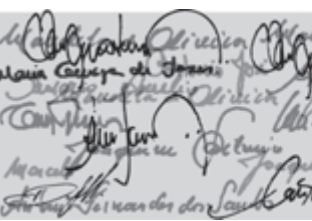
*Catalogação na fonte

U58a Universidade Federal de Goiás. Pró-Reitoria de Desenvolvimento Institucional e Recursos Humanos. Programa de Gestão Estratégica.

Os alunos de Pós-Graduação da UFG: Auto-avaliação do Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Educação-FE/UFG/ Organizadores: Ana Laura Berberian Gonzaga; Rosângela Nunes Almeida de Castro; Regina Beatriz Bevilacqua Vieira. - Goiânia: Universidade Federal de Goiás, Pró-Reitoria de Desenvolvimento Institucional e Recursos Humanos, 2008.

28 p. (Cadernos do PGE ; 8)

1. Universidade Federal de Goiás – Avaliação Institucional Relatório. 2. Ensino Superior – Avaliação. I. Gonzaga, Ana Laura Berberian (org.). II. Castro, Rosângela Nunes Almeida (org.). III. Vieira-Bevilacqua, Regina Beatriz (org.). IV. Título. V. Série.



Coordenação
de Pós-Graduação
da Faculdade de Educação
da UFG

OS ALUNOS DE PÓS-GRADUAÇÃO DA UFG

AUTO-AVALIAÇÃO DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO DA FACULDADE DE EDUCAÇÃO-FE 2007

Coordenação
de Pós-Graduação
da Faculdade de Educação
da UFG



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS

PROF. EDWARD MADUREIRA BRASIL

Reitor

PROF. BENEDITO FERREIRA MARQUES

Vice-Reitor

PROFA. SANDRAMARA MATIAS CHAVES

Pró-Reitora de Graduação

PROFA. DIVINA DAS DORES DE PAULA CARDOSO

Pró-Reitora de Pesquisa e Pós-Graduação

PROF. ANSELMO PESSOA NETO

Pró-Reitor de Extensão e Cultura

PROF. ORLANDO AFONSO VALLE DO AMARAL

Pró-Reitor de Administração e Finanças

PROF. JEBLIN ANTÔNIO ABRAÃO

Pró-Reitor de Desenvolvimento Institucional e Recursos Humanos

CIRURGIÃO-DENTISTA ERNANDO MELO FILIZZOLA

Pró-Reitor de Assuntos da Comunidade Universitária

COMISSÃO PRÓPRIA DE AVALIAÇÃO

Nelson Cardoso Amaral (Coordenador) – Representante Docente

Eula Maria de Melo Barcelos Costa – Representante Docente

Nilce Maria da Silva Campos Costa – Representante Docente

Regina Beatriz Bevilacqua Vieira – Representante Docente

Aretuza Alves Marcório – Representante Técnico Administrativo

Maria José Soares – Representante Técnico Administrativo

Adriana Borges de Alencar – Representante Estudantil

Maria Luiza Nogueira Rangel – Representante Estudantil

COMISSÃO DE AVALIAÇÃO INSTITUCIONAL

Regina Beatriz Bevilacqua Vieira (IPTSP) - Presidente

Ana Laura Berberian Gonzaga (FANUT)

Eula Maria de Melo Barcelos Costa (FF)

José Carlos Seraphin (IME)

Maria Helena Jayme Borges (EMAC)

Rogério de Araújo de Almeida (EA)

Rosângela Nunes Almeida de Castro (EEEC)

Suely Henrique de Aquino Gomes (FACOMB)

Márcio Medeiros Oliveira (PRODIRH)

Míryan Abadia Moreira F. Arantes de Paiva (DDRH/PRODIRH)

PROGRAMA DE GESTÃO ESTRATÉGICA

José Carlos Seraphin (IME)

EQUIPE PRODIRH

Adalberto Pereira Borges (PRODIRH)

Danielle Simiema Araújo (PRODIRH)

Denise Maria de Brito Oliveira (REITORIA)

Ironilda Francisca da Silva (PRODIRH)

Klaudia Maria Longo Hassel Mendes (PRODIRH)

Márcio Medeiros Oliveira (PRODIRH)

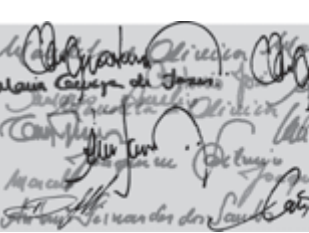
Pedro Rodrigues Cruz (FO)

ESTAGIÁRIOS

Cristiane Lopes da Silva (Curso de Matemática), Jordana Inácio de Almeida Prado (Curso de Comunicação Social - Publicidade e Propaganda),

Lilian Silva do Amaral Suzuki (Curso de Ciências Sociais), Luuanna Ferreira de Sousa Matias (Curso de Biblioteconomia), Túlio Gonçalves da

Silva (Curso de Física) e Wesley da Silva Carvalho (Curso de Matemática)



SUMÁRIO

- APRESENTAÇÃO 7
- 1. INTRODUÇÃO 9
- 2. RESULTADOS DA AUTO-AVALIAÇÃO 10
- 3. SUGESTÕES DOS AUTO-AVALIADORES PARA O PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO/FE E/OU AVALIAÇÃO INSTITUCIONAL 21
- 4. CONSIDERAÇÕES DOS MEDIADORES 22
- 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS..... 22

- REFERÊNCIAS..... 23

- ANEXOS

 - 1. Carta-Convite 25
 - 2. Roteiro da Entrevista do Grupo Focal para Estudantes 26
 - 3. Carta de Agradecimento 28

Alfred W. ...
Louis George de ...
... ..

Alfred W. ...
Louis George de ...
... ..
... ..
... ..
... ..

APRESENTAÇÃO

A Coordenadoria do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) da Faculdade de Educação (FE) da UFG definiu que faríamos uma avaliação mais sistemática do Programa ao longo do ano de 2007. Nosso intento era avaliar, em especial, o projeto de formação, as linhas de pesquisa e disciplinas, o processo de credenciamento e credenciamento de professores, a produção docente e discente, dentre outros. Essa decisão coincidiu com o fechamento da avaliação trienal desenvolvida por Comissão da Área de educação da Capes (2005 a 2007), que encerrou suas atividades em 2007 atribuindo o conceito 5 (cinco) ao PPGE/FE.

Como parte dessa auto-avaliação do PPGE, solicitamos à Comissão de Avaliação Institucional (CAVI) da UFG que realizasse uma avaliação do Programa, tendo por base a apreciação crítica dos alunos do mestrado e do doutorado. Essa avaliação dos alunos, realizada pela CAVI, iria complementar, de forma isenta, o trabalho de auto-avaliação que os professores estavam fazendo no âmbito da Coordenadoria e também a realização de uma pesquisa sobre os egressos do Programa.

Essa iniciativa de auto-avaliação objetivou consolidar ainda mais a política e o processo de institucionalização da auto-avaliação que vem sendo desenvolvida no Programa, em especial desde a criação do doutorado em 2002. Ao logo desses anos, a avaliação do Programa (interna e externa) é feita sistematicamente:

- a) nas reuniões da Coordenadoria, que ocorrem mensalmente;
- b) nas reuniões com alunos do Programa, por ocasião da matrícula ou conforme necessidade do Programa;
- c) nos seminários anuais dos alunos do doutorado, com a participação dos alunos do mestrado;
- d) no fechamento anual do Coleta CAPES, mediante discussão dos dados coletados;
- e) no encerramento de cada triênio de avaliação da CAPES, mediante leitura e análise da Ficha e dos Cadernos de Avaliação da Capes.

A avaliação do PPGE vem se caracterizando, pois, como uma avaliação ampla, processual e democrática, envolvendo diferentes agentes individuais e institucionais. Todos os assuntos pertinentes ao Programa são, em geral, discutidos e deliberados pela Coordenadoria. No período de 2004 a 2007, sucederam-se muitos momentos de debates de questões relativas ao Programa e de proposições de várias ações, compreendendo:

- a) a discussão e o estabelecimento de novas rotinas administrativas e acadêmicas, em razão da necessidade de implementação do novo Regulamento do Programa, do MINTER (Mestrado Interinstitucional) e do DINTER (Doutorado Interinstitucional);

b) o treinamento do pessoal da Secretaria do Programa para implementação de sistema *on-line* de controle da vida estudantil, no nível de pós-graduação *stricto sensu* da UFG – SISPG;

c) a discussão e o encaminhamento de propostas relacionadas às recomendações das avaliações da CAPES relativas ao triênio ou anos anteriores.

Os resultados concretos dessa auto-avaliação do PPGE estão sendo disponibilizados para professores e alunos do Programa e para a comunidade científica, em geral. Em especial, esses resultados estão sistematizados no **Coleta Capes 2007**. O mais importante, no entanto, é que essa auto-avaliação resultou em diferentes ações no âmbito da Coordenadoria do Programa, visando o aperfeiçoamento da proposta acadêmica dos cursos (mestrado e doutorado) e da gestão do Programa. Nessa direção, esse Caderno de auto-avaliação, organizado pela CAVI, contribui de maneira significativa para o registro de parte desse esforço acadêmico de auto-avaliação do PPGE, o que certamente resultará em avanços na melhoria da formação e da gestão do Programa.

Prof. Dr. João Ferreira de Oliveira
Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Educação

Prof. Dra. Maria Hermínia Marques da Silva Domingues
Subcoordenadora do Programa de Pós-Graduação em Educação

1. INTRODUÇÃO

A auto-avaliação do Programa de Pós Graduação da Faculdade de Educação/FE, realizada pelos alunos da pós graduação, partiu de uma solicitação do coordenador do respectivo Programa à Comissão de Avaliação Institucional/CAVI da UFG. Esta solicitação foi motivada pelo anseio em querer conhecer a visão dos alunos com relação ao Programa – os pontos que facilitam e dificultam o desenvolvimento de suas atividades acadêmicas – a partir de uma visão diferenciadas de avaliação qualitativa, a saber: o grupo focal.

Este modelo de avaliação, desenvolvido em 1998 (UFG 2000), tem como pressuposto planejamento e inclui duas dimensões: uma cognitiva/interna em que os servidores (docentes e técnicos administrativos) e alunos realizam uma auto-avaliação, e uma externa, realizada por ex-alunos, ex-servidores, representantes do setor empresarial e outras categorias sociais. Em ambas, os avaliadores, reunidos nos chamados grupos de enfoque, emitem juízos acerca das atividades da Universidade (ensino, pesquisa, extensão e gestão)¹.

O grupo de enfoque é uma técnica utilizada em pesquisas qualitativas (GATTI, 2005) onde os integrantes, neste projeto, são eleitos por amostragem probabilística. As pessoas sorteadas são comunicadas, mediante uma carta convite (anexo 1) da data, local e duração da reunião bem como são informadas do motivo da reunião e como se deu a escolha do seu nome. O grupo é motivado por um mediador, que conduz a discussão a gerar informações sobre os temas contidos em um roteiro semi-estruturado (anexo 2). Tem a vantagem de permitir explorar/ entender as idéias dos integrantes, que representam uma amostra de um universo.

As questões avaliadas, nos grupos de enfoque, constituem o planejamento, o relacionamento interpessoal, a comunicação e visibilidade e as atividades acadêmicas entre outras. É importante registrar que as questões avaliadas e os indicadores quantitativos foram construídos coletivamente, por um grupo de docente, técnicos administrativos e alunos e validados em 2001. Esta metodologia reflete a concepção formativa de avaliação da UFG.

Como forma de registro é utilizado a gravação em áudio e/ou vídeo conforme decisão da unidade acadêmica e núcleos de gestão. Cabe ao mediador, assessorado por um relator, a emissão de relatório referente a discussão de cada grupo. O relatório é elaborado com o auxílio da transcrição da gravação, e nele os comentários são agrupados de acordo com os temas avaliados. Nele são utilizados citações e anotações extraídas da discussão. Antes de sua publicação, o relatório é enviado aos participantes para conferência juntamente com uma carta de agradecimento (anexo 3).

1 Para uma melhor compreensão do processo de Avaliação Institucional da UFG conferir as seguintes publicações dos Cadernos do Programa de Gestão Estratégica: Avaliação Institucional da UFG: o processo e o projeto (Caderno nº 6), Instrumentos de Avaliação Institucional da UFG (Caderno nº 7) e Documentos Básicos e Norteador (Caderno nº 01). Todos disponíveis em www.prodirh.ufg.br/cavi

O grupo de enfoque não só é pedagógico/construtivo, como permite analisar aspectos de caráter mais subjetivo, fundamentais à Universidade que outras metodologias isoladas não conseguiriam identificar; ainda amplia a compreensão dos próprios participantes e mesmo dos mediadores acerca não só da parte analisada, mas do todo envolvente.

Prof.^a Regina Beatriz Bevilargia Vieira
Presidente da Comissão de Avaliação Institucional/CAV

2. RESULTADOS DA AUTO-AVALIAÇÃO

Constituição do grupo

A reunião do grupo dos estudantes aconteceu no dia 30 de maio de 2007, na sala de reunião 122 da Faculdade de Educação, com início às quatorze horas e quinze minutos, com os alunos da pós-graduação, em um total de 12 pessoas representando o mestrado e doutorado, sendo três do sexo masculino e nove do feminino. A reunião iniciou-se pela auto-apresentação e um breve histórico do processo de avaliação na UFG bem como a metodologia da auto-avaliação pelas mediadoras.²

Análise dos discursos

- Curso

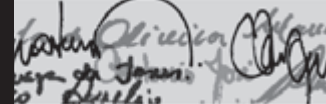
Por que escolheu este curso?

A respeito do motivo de escolha do curso é importante ressaltar que os participantes do grupo de enfoque possuem formações em áreas distintas, no entanto, e de modo geral, estão envolvidos com a educação. Nestes casos, a escolha do curso se deu por ser necessária à prática do ensino de nível superior. Outra constatação é o anseio de “abrir o leque” e o fato das linhas de pesquisas oferecidas pelo Programa, como Educação Rural, Educação e Movimentos Sociais e Estados e Políticas, serem de interesse de alguns, como se vê nos depoimentos abaixo:

“[...] já tinha feito muitos cursos na minha área (nome da área de formação), [...] e queria abrir mais o leque [...]então resolvi vir [...] para educação.”

“A minha área acho que diferencia um pouco, eu sou professora substituta (nome da disciplina), [...] e [...] procuro aplicar (nome do curso de formação) no contexto da escola. A procura pela Faculdade de Educação veio por aí, para atender esse campo”.

2 Mediadores: Ana Laura Berberian Gonzaga (FANUT) e Rosângela Nunes Almeida de Castro (EEEC)



“[...] eu já tinha feito mestrado aqui no período de 1998 a 2001, e [...] além de propiciar essa abertura de leque [...], me permitia também, de uma certa forma, dar uma seqüência no meu objeto de estudo. Então esse foi um fator que fez eu escolher a Faculdade de Educação para poder fazer o Doutorado”.

“Eu escolhi a Faculdade de Educação por dois motivos. Primeiro porque o Mestrado em Educação te habilita para dar aula no ensino superior e [...] com isso todas as Licenciaturas; uma questão de mercado de trabalho. O segundo ponto, que eu considero mais importante, é por que aqui tinha um núcleo de pesquisa na área da Educação Rural e na área de Educação e Movimentos Sociais [...]”.

“[...] aqui encontrei uma linha de pesquisa que vem de encontro com o que vinha trabalhando[...] e como sou professor universitário é uma necessidade.”

“Eu trabalho na área de Educação Básica, e há alguns anos faço leituras sobre a linha de pesquisa Estados e Políticas[...] descobri aqui um grupo de intelectuais que aprofunda, são teóricos que estão com todo trabalho, todo um movimento desses trabalhos. E eu preciso então compreender todo esse espaço e vejo que aqui vou conseguir. Foi principalmente pela busca dessa compreensão.”

“[...] fiz (nome do curso) na instituição, bolsista da iniciação científica a graduação toda, fiz o Mestrado [...] em uma linha de pesquisa já vinculada a iniciação científica, e [...], sou professora da instituição [...] e já envolvida com essa problemática, desde a graduação, acabei fazendo o Doutorado aqui também[...]”.

Por que escolheu a UFG?

Percebeu-se que o grupo era unânime em dizer que a escolha pela Faculdade de Educação da Universidade Federal de Goiás seu deu por ser referência, não só no estado de Goiás, mas também no Brasil, além de ser gratuita. Outro aspecto importante que recai sobre a escolha da UFG é o interesse por pesquisas desenvolvidas na unidade.

“O interesse que eu tive pelo curso foi justamente pela questão da pesquisa[.]. Eu entendo que a Faculdade de Educação vem fazendo um bom trabalho de pesquisa[...] Estou satisfeita”.

“Fiz o processo de seleção na Católica e aqui, porque são os dois lugares que eu sabia que ofereciam esse curso, e como achei que a Faculdade de Educação da Federal tinha mais tempo e fama então eu preferi, além do valor financeiro que eu não teria que pagar”

“Eu tenho feito leituras de pesquisadores da Universidade Federal de Goiás [...] analisei o trabalho de

pesquisa que eles fazem [...] vejo que nós no Estado de Goiás temos uma universidade que nos propicia uma qualidade[...] temos que aproveitar essa academia, esses teóricos que estão aqui e que estão a nível Brasil com um grande trabalho. Então nós temos que ficar aqui no nosso Estado, eu penso assim[..]. Já tive oportunidade de fazer na UFU em Uberlândia, por ter parentes morando lá, mas eu preferi tentar aqui .Tentei por duas vezes e agora, nessa terceira vez ,eu consegui, já na vigésima turma.”

“Porque a UFG é uma universidade pública, gratuita e de qualidade.”

“Eu fiz o Mestrado na UFMT e para o Doutorado tentei na Federal do Rio Grande do Sul, encaminhei projetos para UNICAMP e para a UFG na mesma época, quando saiu a seleção daqui eu nem fui fazer os outros. Já tinha um passarinho na mão.”

“Eu acho difícil separar, principalmente no Doutorado, o que define a escolha da universidade é exatamente o objeto de pesquisa. Em psicologia da educação temos pesquisadores nacionalmente reconhecidos.”

Suas expectativas em relação à Faculdade estão sendo atendidas?

Ao serem questionados a respeito da expectativa, os participantes relataram a necessidade de mais recursos humanos, pois o corpo docente está sobrecarregado de trabalho, o que impede o acompanhamento e orientação de grupos de estudos. Deixaram claro também que gostariam que as palestras e debates fossem enriquecidas com docentes de outras regiões do país, promovendo assim um intercâmbio de conhecimentos. Foi dito ainda pelos auto-avaliadores que os professores têm uma tradição de pesquisa internacional.

“ [...] se as universidades tivessem um pouco mais de recursos, pra trazer mais professores de fora, participando de palestras e debates e até mesmo nas próprias defesas[...].”

“Nós tínhamos pensado [...], fazer grupos de estudos sobre certos teóricos. Nesses grupos de estudos nós precisávamos de pesquisadores [...] mas infelizmente todos os professores estão sobrecarregados. Precisamos de professores que nos acompanhem e orientem, mas infelizmente nenhum está a disposição porque tem muito trabalho. Então, o que está precisando é de recursos humanos, de professores.”

“Eu acho que se tocou em um ponto que é interessante se levantar [...] a condição de trabalho do professor de pós-graduação [...] há uma sobrecarga mesmo de trabalho, e a condição deles é difícil. Essa questão de chamar professores pra debates e conferências seria muito interessante, se pudessemos promover um movimento maior nesse sentido até porque, nossos professores tem uma tradição de pesquisa reconhecida em nível nacional, isso é fato. [...] mas o intercâmbio com as outras regiões, principalmente a região sudeste deveria ser maior [...] idéias nós temos muitas, já discutimos muito isto aqui”.

Suas expectativas em relação ao Programa de Pós-Graduação estão sendo atendidas?

No grupo houve unanimidade quanto à insuficiência ou inadequação de tempo para a pós-graduação em Educação, pois esta se difere em relação a outras áreas do conhecimento. O grupo ressaltou a necessidade de um maior prazo para concluir o mestrado; pois na área de ciências humanas as leituras, de uma maneira geral, são muito densas e extremamente complexas de se assimilar.

“[...]Eu não imaginava que teria de aprofundar tanto em tão pouco tempo, então é uma dificuldade que eu vejo que existe. Até alguns professores comentam que antigamente não existia esse Mestrado em dois anos, mas é a nossa realidade e nós precisamos trabalhar com isso.”

“Essa é uma questão fundamental da nossa formação. Que concepção de Pós-graduação é essa que se vincula a uma perspectiva tão quantitativa? [...] Talvez pra algumas áreas isso até não repercuta tanto, mas pra área de humanas, com leituras e amadurecimento do objeto é um absurdo isso que se impõe! [...] É muito triste e sofrido, e do ponto de vista da formação fica a tal da semi-formação, a gente fica refém dessa mentalidade”.

“Aqui nas Ciências Humanas, principalmente na Educação, as coisas se complicam um pouco [...] qual o seu objeto de estudo? [...] qual a metodologia?, [...] qual o modelo de pesquisa que se vai fazer? [...] é experimental ou não? etnográfica ou bibliográfica? com questionário ou sem? [...] depois de selecionado o modelo de pesquisa tem de se selecionar o método de análise. As leituras de uma maneira geral são muito densas, são extremamente complexas de se assimilar, principalmente pra quem não é [...] da área de Educação. Então com esse período famigerado de formação que se tem, não dá pra ter uma formação com a qualidade que se espera”.

“De fato, a Educação é um campo de estudo que tem condições de fazer uma análise crítica da própria formação do docente. De um certo modo [...] deveríamos ter uma postura mais crítica, mais questionadora e mais de enfrentamento de forma taxativa [...] para que possamos ampliar essas discussões em nível nacional”

“[...] o nosso objeto é diferente, exige um tempo e uma pesquisa diferente.”

A infra-estrutura (biblioteca, laboratórios, sala de aula, etc.) atende às necessidades do curso?

Pelos depoimentos abaixo, percebem-se as críticas a respeito da infra-estrutura. A biblioteca, segundo os alunos, não têm livros suficientes. Sobre os laboratórios relataram que não têm equipamentos para a demanda. Observaram também que o acervo na biblioteca é insuficiente e que as salas de aula não apresentam o mínimo de conforto para permanência na FE. A manutenção do prédio e do elevador é deficiente, impedindo o acesso ao prédio por deficientes físicos”.

“Não.”

“Principalmente em relação ao acervo da biblioteca. O professor indica um livro, nós somos muitos e muitas vezes não há material suficiente para todos os alunos.”

“[...] os laboratórios poderiam ser ampliados, porque o laboratório é de uso de toda a universidade [...]”.

“Recursos financeiros pra infra-estrutura são insuficientes. Você chega numa sala de estudo e vê condicionador de ar quebrado [...] não tem condições de estudar naquele local, você precisa ir pra casa pra se sentir bem, porque aqui não tem um local adequado. Ao entrar nos banheiros as portas estão quebradas, não por vandalismo, mas porque é necessário dar manutenção, de alguém que conserte. Você percebe a falta de recursos...”

“A questão da acessibilidade também. Na maioria das vezes o elevador não funciona e há portadores de deficiência física que necessitam.”

A distribuição das disciplinas na matriz curricular tem encadeamento lógico?

De forma geral as respostas sobre a distribuição das disciplinas na matriz curricular foram unânimes. Disseram que fazem a escolha das disciplinas de acordo com o núcleo de pesquisa.

“As disciplinas são sempre oferecidas de acordo com o núcleo de pesquisa [...] normalmente atende as necessidades do aluno de uma maneira geral.”

“Nós temos as disciplinas como livres, não temos [...] disciplinas obrigatórias. Então isso é bem tranquilo.”

Considera adequada a proposta curricular do curso? Por quê?

Ao serem questionados quanto a adequação da proposta curricular do curso, um participante manifestou que esta questão diz respeito à graduação e não à pós-graduação. Mesmo assim, outro auto-avaliador acredita que esta adequação exista e já na seleção. Ainda este participante levantou a possibilidade de se ter mais linhas de pesquisa.

“Talvez caiba mais pra um curso de graduação. Em termos gerais sim.”

“[...] essa adequação já parte da seleção. O projeto se vincula à linha [...] talvez se a gente pudesse questionar... pudesse ter mais linhas.”

A formação que o curso oferece é condizente com a realidade?

O grupo ressaltou como positivo o fato do curso oferecer uma visão crítica que permite quebra de paradigmas para a transformação da sociedade, pois, o curso contempla muita discussão inovadora .

“Na minha opinião, muitíssimo. No sentido de se ter um curso crítico, questionador da verdade, de formar profissionais que estejam sempre buscando transformar essa realidade.”

“O curso contempla muita discussão inovadora, no sentido da revisão crítica, da quebra de paradigmas. É muito interessante.”

Os procedimentos didático-pedagógicos são adequados?

De forma unânime os participantes do grupo reconhecem o bom nível dos professores na condução dos debates, na escolha dos textos, mas apontam novamente, com ênfase, as limitações de recursos de infraestrutura.

“As disciplinas que eu cursei, todas elas foram fantásticas. Eu tive professores que trabalharam muito bem [...] .”

“[...] as disciplinas têm essa dimensão crítica, questionadora. Então quando se fala em recurso [...] estamos falando de nós próprios, o professor, o texto e o debate. Então isso é muito rico [...]”.

“Essa intermediação é fundamental, acho que corresponde sim”.

“Agora se tivesse mais um datashow [...]”.

“Talvez se tivesse mais livros disponíveis na biblioteca[...] uma melhora no acervo e nos recursos multimídia de uma forma geral.”

“As salas dos Pós-graduandos[...] precisa de mais computadores.”

“Mais não! Não tem nenhum!”

E quanto aos procedimentos de avaliação, considera-os adequados e eficazes?

De acordo com os comentários a seguir verifica-se que os critérios de avaliação não são claros e falta agilidade na correção de trabalhos. Também houve um debate sobre o enfoque das avaliações quanto ao objeto de estudo individual versus objetivos da disciplina, e sobre o regulamento que vincula notas ao desligamento do aluno do programa.

“Acho que se nós soubéssemos, antes de começarmos a fazer o trabalho, os critérios que o professor iria utilizar pra avaliar [...] mais claros com relação ao que eles esperam dos nossos trabalhos. Mais agilidade na correção dos trabalhos também porque as vezes nós fazemos o trabalho e já no final do curso ainda estamos esperando notas de trabalhos do primeiro semestre.”

“Acho que a avaliação poderia ser mais contínua. Você faz um semestre da disciplina e chega no final você é avaliado por um terço do que você entrega no final. Lógico que é importante um artigo e a produção do aluno, mas que também fosse avaliado sua produção diária, suas leituras, seus trabalhos e seminários[...]

“A avaliação acaba sendo direcionada pra o núcleo de trabalho, e as vezes não ficam definidos direito os critérios de avaliação que serão observados na correção desse trabalho.”

“Uma sugestão que gostaria de deixar sobre o programa, já que no processo seletivo há uma linha de

concentração do objeto, que os trabalhos de conclusão de curso, se possível, conseguisse amarrar mais focado ao objeto, porque há professores que focam as teorias da disciplina. Se a disciplina ajuda, excelente, pode produzir um capítulo pra dissertação. Se não [...] poderia focar alguns pontos que ajudaram no desenvolvimento teórico desse aluno, mas que não fosse tão cobrado a questão da disciplina propriamente dita, do professor. A idéia é dissociar a disciplina do objeto.”

“Eu discordo um pouco dessa concepção. Penso que a Pós-graduação tem um sentido de formação e quando fazemos disciplinas ou trabalhos pensando no produto, tese ou dissertação é uma instrumentalização radical!, Perde-se essa possibilidade de formação ampla, que me parece ser o sentido da Pós-graduação na Faculdade de Educação. Quer dizer, eu vou produzir um trabalho que atenda diretamente meu objeto de estudo, você acaba ficando muito limitado.”

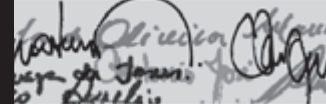
“Se você entra com um objeto de estudo, as disciplinas irão clarear, se você está no caminho certo, se realmente é aquilo. Então acho que não pode ser focado só em cima do objeto, pois senão você fica muito limitado e perde a visão de outras coisas que até então você não tinha percebido antes de fazer a disciplina[...]”.

“[...]muitas vezes o fato de você trabalhar com uma teoria no sentido ampliado faz você pensar melhor no objeto a partir de um enfoque que você não tinha pensado antes[...]. O segundo ponto a ser considerado é que [...] hoje [...] você pode escolher a disciplina que você quiser[...], disciplinas que dão resposta ao seu objeto na medida que você pretende. Já fiz trabalhos que foram partes de capítulos, não foi capítulo inteiro, mas foi um item do capítulo que saiu de um trabalho que fiz na disciplina. Tem disciplinas que fiz, que não sei bem nem o nome do autor, nem por isso deixou de ser importante pra minha formação e construção do objeto, por mais que eu tenha que focalizar o objeto e o método que estou trabalhando.”

“[...] é claro que pensar num autor vai nos ajudar a pensar num objeto de estudo. Então acho que não se deve dissociar[...]. A respeito da avaliação[...] penso que a autonomia do aluno tem que existir[...] este trabalho[...] de final de curso você consegue fazer uma boa reflexão de tudo que você estudou[...]ele é suficiente. Quanto a demora dos professores na entrega das notas eu poderia relacionar isso com o que falamos anteriormente sobre a sobrecarga dos professores, não é porque eles não estejam dando atenção, mas porque realmente eles estão sobrecarregados.”

“[...]A questão de recortar o objeto e os autores com os quais nós vamos trabalhar, é um refinamento, é formativo pra gente e é muito interessante pra nós.”

“No processo de avaliação você tem duas questões que acho que devem ser levadas em consideração. Primeiro a subjetividade e segundo as relações de poder que operam nesse sistema de avaliação. No manual do pós-graduando já tem ali uma, não sei qual o objetivo, mas tem uma regra que determina que se o aluno tiver um D em qualquer disciplina que seja ele é automaticamente desligado do Mestrado, ou se ele tiver dois C’s[...] Então isso já é uma forma de você criar uma situação, um clima, de preocupação do aluno para com a disciplina[...] Não que eu esteja contra o modelo tradicional de avaliar. Mas acho que o sistema de avaliação no programa de Pós-graduação ele tem que ser debatido.”



“É muito poder nas mãos [...] é preciso que se tenham instrumentos para que possamos discutir essa avaliação, primeiro porque os critérios, como foi dito, não são muito claros. Então se ocorre algum tipo de equívoco, corremos o risco de ser desligado do curso por causa disso. Assim ficamos desprotegidos de todas as formas.”

“[...]é só uma questão de se deixar claro os critérios adotados e tudo mais[...]. A seleção é muito criteriosa e rigorosa. Quando se entra no vestibular, lá é quem tem a melhor média; aqui não. Aqui, você precisa de um projeto vinculado, você tem que ter saído bem nas provas... precisa de uma clareza maior na hora da entrevista. Eu nunca tive muito problema com relação a isso... nunca vi ninguém ser desligado aqui por perda de disciplina.

“Eu acho que o debate é válido[...] por que há diferenças entre os professores, mas me parece que nenhum professor se negaria a sentar com um aluno e discutir um trabalho ou a sua entrega, ou que seja pra tirar alguma dúvida, há uma abertura pra isso[...] não sei se há algum professor que se negue a isso.”

Como você avalia o corpo docente?

Os participantes afirmaram que o corpo docente promove o crescimento do aluno, é competente e produtivo, apesar da falta de condições e de serem sobrecarregados.

“[...] a grande maioria dos professores são muito competentes, estão muito dispostos a ajudar, apesar de estarem sobrecarregados[...].”

“Eu acho que o corpo docente da Faculdade de Educação é a nata que se tem de intelectualidade[...] reconheço isso[...] na área da Filosofia da Educação [...] na Sociologia da Educação, na Psicologia, enfim[...]. Aqui, você tem professores que produzem muito, embora não gozem de condições necessárias pra uma produção do nível europeu[...]. Raramente você tem professores doutores, aqui, que não tenham livros publicados; professores que realizam um debate científico-acadêmico em âmbito nacional e até internacional. E, isso tanto na área das Ciências Humanas e Sociais, Educação, Filosofia, tem muita gente boa”.

“O que tenho percebido de grande valia é a abertura dos professores, nas disciplinas que tenho participado, de aceitar as contribuições dos alunos. [...]não são todos os docentes que tem essa abertura [...]”.

“[...] os professores, aqui, vão fazendo com que você cresça. As vezes você nem percebe que é aquilo que ele está fazendo, mas você vai crescendo; ele começa da base e vai te trazendo pra pensar, pra criticar e quando você percebe você está em outro mundo[...].”

Como você avalia os servidores técnico-administrativos?

De um modo geral o grupo considera que os servidores técnicos são atenciosos e prestam um atendimento de qualidade, apesar do excesso de trabalho.

“[...] de uma atenção impressionante[...]. Eles tem uma demanda muito alta de trabalho e [...] sempre nos atendem com muita atenção.”

“[...] lido muito com o funcionário público no atendimento [...] nos âmbitos estadual e federal, eu percebo [...] no atendimento, muita agressividade, falta de atenção com o público. Aqui não. Aqui, eles já tem essa visão de atendimento de qualidade.”

“Eu gostaria de ressaltar a competência da administração, a rapidez daquilo que nós solicitamos. Tínhamos uma idéia de que no atendimento público não teríamos o resultado imediato, e eu acabei me surpreendendo, com as respostas, com a competência da coordenação e da administração, então eu gostaria de ressaltar isso.”

“São ótimos trabalhadores, porém deve-se ater para as condições de trabalho. Se possível, contratar mais porque, inclusive, eles estão mobilizados, estão em greve. Certamente pelas precárias condições de trabalho[...] eles trabalham muito[...]”.

Como você avalia o corpo discente?

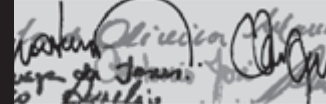
Os participantes de modo geral relataram haver falta de tempo para participar de forma mais intensa da vida acadêmica. Isto devido ao fato dos alunos não terem licença de sua atividade profissional, ao prazo *reduzido* e também devido a falhas no sistema de comunicação.

“Nós?!”

“Estamos vivendo uma situação diferenciada. O perfil, hoje, do aluno de Pós-graduação é o de um aluno que trabalha, que não tem tempo pra fazer a pós. Não sei quantos aqui tem, mas a maior parte não tem licença do trabalho para se dedicar ao curso[...] nós como alunos da Faculdade de Educação da Universidade Federal [...] tínhamos que levantar essa bandeira, deveríamos de algum modo levantar essas questões já que é uma realidade nacional[...] é uma questão política, econômica, mas que diz respeito ao andamento do nosso curso.”

“Eu vejo um corpo discente muito preocupado com a sua formação individual e nada com a discussão do coletivo que deveria haver[...]inúmeras reuniões convocadas[...]poucas pessoas realmente querendo pensar o curso, querendo discutir, querendo melhorar. [...]a questão dos prazos,[...]as questões de bolsas[...]. Falava-se aqui no começo que nós assinamos um documento de disponibilidade de vinte horas, porque é uma exigência do programa; se for verificar quem tem realmente essas vinte horas de dedicação ao programa, e, que horas são essas vinte horas, vai ver que muitos colocaram da meia noite às seis.

“Mas muitas dessas reuniões muita gente não ficava sabendo. Falta de comunicação porque nem todo mundo vem aqui todos os dias. Mas mesmo quem atualizava recebia algumas e outras já não recebia, eu mesmo não recebi todas.”



“[...] essas condições todas de prazo reduzido, trabalhos uma série de condições, por isso muitos de nós não vivenciamos o que a universidade oferece pra nós. É preciso estarmos mais na universidade, em grupos de estudo. É fantástico isso! Aqui, tem muitos eventos e os núcleos elaboram muitos seminários, ciclos de debate, publicações, então seria interessantíssimo.”

Relacionamento interpessoal

De acordo com os comentários a seguir verifica-se que existe um distanciamento na relação professor–aluno. Na relação professor-professor o grupo aponta para divergência de opiniões e pensamentos entre pesquisadores, da mesma área, que são levadas algumas vezes para o lado pessoal.

“Quando se encontram não. Difícil é se encontrar (aluno-professor).”

“[...] essa é uma questão que deveria ser levantada, o porque dessa distância entre o docente e o aluno, se tivesse uma relação mais amena, as coisas se produziriam mais fácil.”

“Acho que alguns professores realmente tem essa dificuldade de ouvir o aluno ou orientando. Achar que ele é só um aluno e eu sou o professor e eu sei mais [...]. Também acho que as vezes há uma dificuldade entre os docentes. Tem pessoas que tem uma linha de pesquisa e não concordam com a outra linha de pesquisa e não estão abertos a discussão. Falam que não, que está errado e chegam a criticar o outro [...] e acabam partindo para o lado pessoal.”

“Eu particularmente presenciei, que são até da mesma área que divergem de opiniões e de conhecimentos, mas levam isso para o lado pessoal. E, o pior é falar isso pra outras pessoas.”

“Quando nós somos aceitos no programa, nós temos um projeto, uma entrevista e depois nós temos que mudar o projeto! Lógico que não tem problema em mudar um pouco! Mas acho que ter de mudar o projeto completamente é absurdo. Você acaba fazendo o curso só pra terminar mesmo [...] fazendo o trabalho do seu orientador, não um trabalho pra você. Eu acho que tem muito disso aqui.”

“Eu não vejo essa coisa de mudar o projeto, o que acontece é um redimensionamento, uma abordagem mais correta do objeto...”

“Quando a pessoa já fez a graduação aqui, já está mais por dentro dos professores, sabe exatamente a linha do professor. Mas quando você vem de uma outra área, você meio que cai de pará-quebras aqui, você é escolhido e não é aceito. Geralmente dá pra se conhecer alguma coisa na entrevista mas nem sempre.”

“Essa questão das diferenças entre teorias e linhas de pesquisas [...] em relação aos professores, com os quais eu estive, sempre houve muito respeito[...].”

O sistema interno de informações acadêmicas é eficiente?

Os participantes relataram que não existe um sistema eletrônico de comunicação para os alunos, nem mala direta na secretaria o que dificulta a comunicação. Por outro lado o Teleduc foi citado como meio de comunicação eficiente das atividades acadêmicas.

“Nosso site não está atualizado, parece que é um problema no CPD[...]”.

“[...] a comunicação de modo geral é muito restrita, você não fica sabendo de tudo[...]”.

“Não existe um sistema eletrônico de comunicação para os alunos[...]. A secretaria não tem uma mala direta. [...] Falta organizar isso.”

“[...], nós nos comunicamos pelo Teleduc [...] as atividades do próximo encontro, fóruns de discussão[...] as aulas são comunicadas anteriormente, os textos que irão ser trabalhados, comentários, o que foi feito nas primeiras aulas. É a professora junto com um aluno que tem a facilidade.”

Como você avalia a gestão desta unidade/curso?

A gestão foi avaliada positivamente, quanto ao comprometimento da coordenação com o programa da pós-graduação, bem como o dinamismo e acessibilidade.

“Eu posso falar do problema que tive e fui atendida prontamente. Para mim foi bom.”

“O coordenador é uma pessoa que está sempre presente, muito atencioso, dinâmico, extremamente envolvido na coordenação. Ele se integra ao processo [...] e é de fácil acesso.”

“Ele foi eleito sem nenhum voto de oposição, ou seja, demonstra o nível de comprometimento dele com o programa. E sempre que se precisa falar com o coordenador, normalmente não se marca horário, fala-se na hora, tamanho o grau de acessibilidade a ele.”

Qual a sua opinião sobre esta metodologia de avaliação institucional?

Os participantes acharam que as questões deveriam ser mais direcionadas a pós-graduação e que deveriam ter acesso as questões antes da reunião.

“Eu acho que deveríamos ter acesso a todas as perguntas pra não ficarmos entrando na próxima. [...] Perguntas que nós [...] saberíamos quando falar e quando esperar.”

“Eu acho que as questões deviam ser mais direcionadas para a Pós-graduação. Contemplar questões por exemplo que não foram trabalhadas, como bolsas e todas as questões que são próprias da Pós-graduação.”

Neste momento uma das mediadoras esclareceu que o instrumento de avaliação institucional, o roteiro do grupo focal, foi submetido a coordenação da Pós graduação e esta o considerou adequado.

3.SUGESTÕES DOS AUTO-AVALIADORES PARA O PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO/FE E/OU AVALIAÇÃO INSTITUCIONAL

Neste momento, os mediadores perguntaram aos participantes se gostariam de deixar alguma mensagem ou sugestão para o Programa e/ou avaliação Institucional. Frente a esta oportunidade os auto-avaliadores manifestaram-se prontamente como se percebe abaixo:

“Questões de bolsas e prazos. Nos tivemos uma reunião [...], com a pró-reitora de Pesquisa e Pós-graduação [...] foi colocado essa questão dos prazos, para a Educação precisaria ser visto e revisto esses prazos[...]. As bolsas que a CAPES concede são de quatro anos, e aqui, ninguém sabe direito explicar porque é três anos. Aí a gente colocou essa situação e ela falou [Pró-reitora] que não é da Educação, que é uma reclamação geral de toda a universidade, que todos os cursos estão reclamando desse prazo, que todo mundo quer estender para os quatro anos o Doutorado e trinta meses para o Mestrado. [...] .Nos só podemos mudar o nosso regimento aqui depois que a UFG mudar o regimento geral, que diz que é de três anos. Não adianta nós colocarmos quatro no nosso, porque o da UFG é maior, então é preciso mudar aquele. E nós estamos aguardando a boa vontade de um dia mudar aquele regimento. Uma outra dificuldade muito grande é a questão das bolsas, porque no Mestrado muitos alunos precisavam de bolsas, por serem do interior ou de outros estados, e acabam desistindo do curso, enquanto isso sobravam bolsas no Doutorado. Precisaria ter uma política mais clara de concessão dessas bolsas.”

“ [...] eu penso que o critério tem que ser acadêmico, e que elementos compõem esse critério.”

“Reforçando o que os colegas disseram, pois me parece que em Agosto vão sair oito bolsas, e o que são oito bolsas num universo de vinte e dois mestrandos. Tem que ampliar o número, isso é um posicionamento de vagas no Mestrado e pra isso é óbvio vai ter que aumentar o número de professores também pra atuar na Pós-graduação, ampliar o número de bolsas pra que os alunos tenham condições de desenvolver suas pesquisas com uma maior qualidade, porque isso interfere. Também especificar os critérios, se for acadêmico quais são os critérios, porque, eu por exemplo, acredito ter feito uma boa prova escrita, mas na entrevista nem sei qual o critério utilizado pelas pessoas que estavam na minha banca, que era pelo menos uma banca de pessoas muito criteriosas com relação a avaliação. Mas, é óbvio que por entrar o elemento subjetivo na hora de avaliar, você nunca sabe qual a nota que os professores de uma outra banca examinadora iriam atribuir. Acredito que isso precisa ser resolvido.”

Dos depoimentos dados as sugestões para o Programa podem ser assim enumeradas:

1. Estabelecimento de critérios claros para a concessão de bolsas,
 2. Aumento do número de bolsas,
 3. Aumento do número de professores
 4. Especificar os critérios utilizados na entrevista para seleção do aluno no programa de pós-graduação.
- De acordo com a fala de um dos auto-avaliadores: [...] *isso precisa ser resolvido.*”

Além das sugestões deixadas pelos participante a critica quanto ao prazo do Mestrado e Doutorado da UFG, em relação ao tempo concedido pela bolsa da CAPES, novamente veio à tona.

4. CONSIDERAÇÕES DOS MEDIADORES

De acordo com as discussões, expressas neste relatório, pode-se ressaltar que:

- A escolha do curso e da UFG se deu por questões de afinidade com a área de educação, abertura de mercado de trabalho, pela qualidade e gratuidade.
- Faltam recursos humanos e verbas para promover um maior intercâmbio com outras regiões.
- A necessidade de um prazo maior para o mestrado ou para aprofundar em uma pesquisa.
- A infra-estrutura do curso foi considerada deficiente, principalmente pelo pouco acervo na biblioteca e questões como acessibilidade ao prédio da Faculdade de Educação.
- A distribuição das disciplinas na matriz curricular tem encadeamento lógico e existe adequação curricular.
- A formação condiz com a realidade, pois, o curso contempla muita discussão inovadora e forma profissionais críticos.
- O corpo docente promove o crescimento do aluno, é competente e produtivo, apesar da falta de condições e de serem sobrecarregados.
- Os critérios de avaliação não são claros e falta agilidade na correção de trabalhos.
- Os servidores técnico-administrativos prestam um atendimento de qualidade e são atenciosos.
- De um modo geral os alunos da pós-graduação trabalham e não tem tempo para dedicar ao curso. Falta participação nos debates, nas discussões dos problemas do curso.
- Existe um distanciamento na relação professor-aluno. Na relação professor-professor o grupo aponta para divergência de opiniões e pensamentos entre pesquisadores da mesma área que são algumas vezes para o lado pessoal.
- O sistema interno de informações acadêmicas não é eficiente.
- A gestão foi avaliada positivamente, sendo relatado o comprometimento com o programa da pós-graduação, o dinamismo e acessibilidade.
- Com relação a metodologia de avaliação institucional os participantes acharam que as questões deveriam ser mais direcionadas a pós-graduação e previamente conhecidas.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A auto-avaliação de programas de pós graduação ganha importância, na medida em que se intensificam as discussões em torno da busca de maior qualidade e eficiência das instituições de educação superior (UNESCO 1999). Na auto-avaliação do Programa de Pós graduação da FE, realizada através da metodologia de grupo de enfoque, os pontos mais importantes da reunião podem ser assim destacados:

- um profundo interesse demonstrado pelos avaliadores na discussão das questões acadêmicas e na busca da excelência do conhecimento, permeou todos os momentos dos 120 minutos de avaliação;

- o comprometimento/envolvimento, a seriedade e a competência profissional foram características marcantes do grupo;
- a ânsia por ver o resultado deste momento de reflexão e de colher frutos das questões levantadas ficou evidente;
- a facilidade de comunicação e expressão de idéias também se fez perceber.

Cabe destacar que talvez muitas destas características sejam inerentes à área de educação, onde o processo de reflexão, planejamento e avaliação sejam mais naturais e desenvolvidos.

Esta percepção dos mediadores pode ser reforçada não só pelo fato desta Unidade Acadêmica, no universo das unidades da UFG, ser a primeira a solicitar à CAVI a apresentação dos resultados da auto-avaliação da FE, no contexto do SINAES³, por ocasião da Semana de Planejamento da FE em julho de 2006. Como também, com esta iniciativa do Programa Pós-Graduação da FE, em proporcionar novas reflexões e debates que conduzam ao descobrimento de outras dimensões da realidade e outras necessidades. Ainda o envolvimento e comprometimento do Programa de Pós- Graduação da FE com avaliação é confirmado pelo fato de ter obtido, em 2007, conceito 5 na avaliação externa da Fundação Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e realizar também esta auto-avaliação.

O sentimento imprimido nos mediadores foi de gratificação e confirmação de que o processo de avaliação empregado na UFG é adequado para gerar mudanças a nível institucional. Pois, como o objetivo de todo este processo é de avaliar resultados orientados por metas definidas em planejamentos coletivos, e, portanto, coletivos também serão os encargos, as obrigações decorrentes, bem como os compromissos com a execução; entende-se que o primeiro passo no processo com certeza foi dado. E o que se almeja, neste momento, é engrenar as articulações do processo envolvendo o planejar, avaliar e informar para que as ações coletivas sejam dadas em prol do aperfeiçoamento das atividades acadêmicas e institucionais da UFG.

A partir daí, percebe-se que a avaliação e a gestão organizacional devem estar articuladas, servindo como instrumento de mudança e correção de rumos, e vinculadas ao processo de tomada de decisões. Espera-se que mediante as informações obtidas na auto-avaliação do Programa em questão, a ação pedagógica possa ser consolidada ou superada e alcançar, efetivamente, maior qualidade institucional.

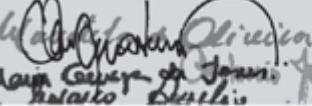
REFERÊNCIAS

GATTI, Bernadete Angelina. **Grupo focal na pesquisa em Ciências Sociais e Humanas**. Brasília: Líber Livro Editora, 2005. 77 p. (Série Pesquisa em Educação ;10)

UNESCO, 1999. Conferência Mundial sobre Educação Superior. Declaração Mundial sobre Educação Superior no século XXI: visão e ação. In: **Tendências da Educação Superior para o Século XXI**. Brasília: UNESCO/CRUB, 1999, p. 17-33.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS. Caderno do Programa de Gestão Estratégica/PGE nº 6.

3 Confira os resultados da auto-avaliação da UFG na publicação **Auto-Avaliação da UFG 2001-2005**. Disponível também no site da CAVI: www.prodirh.ufg.br/cavi.

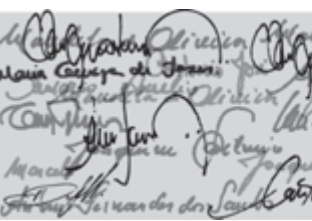


Avaliação Institucional da UFG: o Processo e o Projeto.2008a. Disponível em: www.prodirh.ufg.br/cavi

_____. Caderno do PGE nº 7. **Instrumentos de Avaliação Institucional da UFG.**2008b. Disponível em: www.prodirh.ufg.br/cavi

_____. Caderno do PGE nº1. **Documentos Básicos (Resolução Consuni nº10/2006; Documento Norteador).** Goiânia: PRODIRH/UFG, 2006, 37 p.

_____. **Avaliação Institucional: uma mudança em curso.** Projeto Goiânia: CEGRAF, 2000. Disponível em: www.prodirh.ufg.br/cavi.





MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
PRÓ-REITORIA DE DESENVOLVIMENTO INSTITUCIONAL E RECURSOS HUMANOS



CONVITE

<VOCATIVO>

A Faculdade de Educação e a Pró-Reitoria de Desenvolvimento Institucional e Recursos Humanos da UFPG têm a satisfação de convidá-lo(a) para integrar um grupo de enfoque que estará **avaliando o Programa de Pós-graduação** daquela Unidade no dia 30 de maio de 2007, das 14h às 16 horas na sala 252 da Faculdade de Educação.

Esta auto-avaliação faz parte do processo de avaliação institucional desta universidade e a escolha de seu nome deu-se por sorteio aleatório, segundo a metodologia do projeto de avaliação, dentre os alunos do Programa.

Contamos com a sua participação solicitando sua confirmação até o dia 25, posto que é necessário *quorum* para que a discussão se realize. A confirmação de sua presença poderá ser feita pelo fone 3209 6205 ou pelo e-mail mebufg@hotmail.com.

Atenciosamente,

Prof^a. Regina Beatriz Bevilacqua Vieira
Presidente da Comissão de Avaliação Institucional-CAVI/UFPG

<PRONOME>

<NOME>

<NR_MATRICULA>

<ÓRGÃO_UNIDADE>/UFPG

.2 Roteiro de Entrevista do Grupo Focal para Estudantes de Graduação e Pós-Graduação

- ◆ Motivo da escolha do curso
 - Por que escolheu este curso ?
 - Por que escolheu a UFG ?

- ◆ Avaliação do curso
 - Suas expectativas em relação à Faculdade/ Programa de Pós -graduação estão sendo atendidas ?
 - A infraestrutura (biblioteca, laboratórios, sala de aula, etc.) atende às necessidades do curso?

- ◆ A estrutura curricular
 - A distribuição das disciplinas na matriz curricular tem encadeamento lógico ?
 - Considera adequada a proposta curricular do curso? Por que?
 - A formação que o curso oferece é condizente com a realidade ?
 - Os procedimentos didático-pedagógicos são adequados ?

- ◆ Instrumento de avaliação da aprendizagem
 - E os procedimentos de avaliação? Considera-os adequados e eficazes ?

- ◆ Interação ensino–pesquisa–extensão
 - Como você avalia o corpo docente ?
 - E os servidores técnico-administrativos ?
 - E o corpo Discente ?

- ◆ Gestão
 - Como você avalia a gestão desta(e) Unidade/Curso ?

- ◆ Informações acadêmicas
 - O sistema interno de informações acadêmicas é eficiente ?

- ◆ Relações interpessoais
 - Considera que há algum tipo de dificuldade nas relações interpessoais de:
 - Docentes ?
 - Docentes – TAs ?
 - Docentes – alunos ?
 - Alunos – TAs ?
 - Alunos ?

- ◆ Avaliação institucional
 - Dê sua opinião sobre esta metodologia de avaliação.

- ◆ Sugestões



<VOCATIVO>

A Comissão de Avaliação Institucional - CAVI/UFG - agradece sua presença e participação no grupo de enfoque que avaliou o Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Educação. Sua contribuição, neste processo de avaliação, é importante para construir um diagnóstico do Programa e da unidade em questão e, ao mesmo tempo, colaborar com a melhoria de sua gestão.

Nessa oportunidade, solicitamos a leitura e conferência deste relatório, para que o mesmo possa ser publicado. Ele realmente expressa o que foi dito? Caso discorde de alguma passagem, você tem quinze dias para manifestar (por e-mail rbeatriz@prodirh.ufg.br) a sua discordância. A partir daí, entenderemos que o relatório teve sua aprovação e será, portanto, publicado após revisão de português.

Atenciosamente

Prof^ª. Regina Beatriz Bevilacqua Vieira
Presidente da Comissão de Avaliação Institucional/UFG

<PRONOME>
<NOME>
<NR_MATRICULA>
<ÓRGÃO_UNIDADE>/UFG

